

# apresentação

Aletria tem relação anagramática com alteridade. Talvez pelo fato de que qualquer evento literário (relacionado à letra) se dê a partir da passagem ao outro. Existiria literatura sem alteridade? O que podemos constatar hoje é que foi necessário, a partir das ciências sociais, que se estabelecesse o domínio de outrem no pensamento ocidental para que esta relação fundadora do humano e do próprio discurso – a relação com o outro – fosse finalmente introduzida no âmbito acadêmico, por meio do conceito de alteridade.

Este conceito é um dos marcos da crise do lugar teórico em construção nas teorias da cultura – sempre em conflito desde seu surgimento e desenvolvimento ao longo do século XX, com seus momentos de ruptura e quebras, de idas e vindas e de emergência de categorias. É esse também um momento histórico diretamente relacionado a questões sobre o mundo em que vivemos e com o qual estabelecemos ligações entre o espaço literário e o vivencial, entre o antropológico e o artístico, entre o artístico e o político.

Embora o conceito de alteridade tenha já um longo percurso e seja um construto teórico que aspira a ultrapassar seus predicados habitualmente reducionistas, é ainda relativamente pouco discutido no Brasil e surge com frequência associado a algum tipo de instrumentalização de política identitária ostensiva que utiliza o conceito como unidade orgânica sem o necessário desvelamento dos conflitos inerentes ao termo. De que falamos quando falamos em alteridade?

Pensar esse conceito requer um trabalho complexo por meio do qual não se pode esperar uma concordância irrestrita, como fica evidente nos diversos artigos publicados nesta revista. Embora circunscritos ao território da crítica e da teoria da literatura, os objetos sobre os quais se debruçam os ensaios deixam à mostra o esforço em direção à problematização das posições a respeito do tema proposto – corrosivo como poucos.

O operador *alteridade* supõe constantes irrupções de zonas de obscuridade, oscilação de níveis, porque está sempre ensaiando um movimento paradoxal que se

revela cada vez mais atravessado por sucessivos desafios de indecidibilidade: por um lado, são perturbadas as leituras e as reflexões teóricas pela constante incursão de complicações impossíveis de serem homogêneas; por outro, uma vez que criam uma urdidura de relações antes impensáveis, dão lugar à possibilidade de se articular cenas culturais e literárias totalmente diferentes.

No entanto, os impasses criados podem ser uma das chaves mais produtivas para que se comece a entender como opera uma lógica sobre e a partir da alteridade, e se consiga uma articulação que desmantele sentidos totalizadores. Nos estudos literários das últimas décadas, não se pode subestimar a importância da escrita de sujeitos discriminados, excluídos nas sociedades ditas civilizadas, convertidos nos *outros*, seja pela classe social, pela raça, pelas condições físicas ou mentais, pela religião, pela preferência sexual, pelas peculiaridades comportamentais e por outras idiossincrasias. Nesse entretempo, a teoria e a crítica literárias, em suas tendências mais relevantes e apesar das inevitáveis discrepâncias e enfrentamentos, não podem evitar reconhecer a presença do pensamento sobre a alteridade como emergência palpável e incontornável, às vezes com sabor salvacionista, outras, como sombra fantasmática ou elemento sempre latente, nunca suficientemente examinado.

Esta noção, no entanto, se converteu em um dos mais banalizados e cristalizados pontos teóricos contemporâneos em discussão, muito em voga na chamada virada culturalista, e acabou sendo, muito esquematicamente, para alguns, um motivo de orgulho acadêmico e, para outros, um rótulo incômodo. Tudo isso tende a diminuir a potência das leituras devedoras da noção de alteridade, e deixa claras as pressões institucionais que confinam os protocolos de leitura a paradigmas pouco críticos e com fortes tendências esteticistas. Obscurece-se, assim, o incognoscível, com traduções interpretativas reducionistas, obliterando-se as interseções inquietantes. Quase a única certeza obtida é o fato de que todo texto excede sua própria legibilidade, o que garante que essas interseções possam vir a ser lidas um dia.

As generalizações críticas que pretendem teorizar o termo irrompem, na maioria das vezes, como constatações óbvias da diversidade social, comum a toda e qualquer sociedade. A literatura da alteridade, e a crítica e a teoria que lhe são solidárias, na maioria dos casos, pretende tomar uma direção, de certa forma pragmática, tornando-se instrumento para um objetivo superior que supostamente a precede. Tal tarefa seria a tentativa de uma intervenção política e cultural, a luta por uma sociedade mais justa, o que daria à literatura uma função de mediação para a passagem do mundo do texto ao do leitor. Desse ponto de vista, obvia-se a complexidade do que consideramos realidade e se pensa a referência como um elemento de anterioridade em relação à obra, quando, na verdade, entre aquilo de que se fala e aqueles a quem se fala, na literatura, a própria linguagem, é a que desfaz e refaz incessantemente a forma como percebemos o real. É assim, então, que a alteridade, como exclusão discriminatória, poderia ser também produto, entre outros agentes, da arte e da literatura quando produzem uma realidade hierarquizada, injusta e moralmente condenável.

Uma das funções da literatura é promover a inscrição de outras vozes, antes não ouvidas, as de excluídos do sistema hegemônico. A inscrição é, no entanto, um problema muito mais complexo do que habitualmente se supõe. Na verdade, a alteridade deve

vencer a inércia conservadora da linguagem para conseguir ser inscrita e ouvida e, ainda, resistir a ser apagada prontamente e passar a sobreviver como trauma ou resíduo.

A reflexão sobre o lugar e o papel das alteridades hoje se faz urgente em todo o mundo e, principalmente, na América Latina onde, mesmo com governos democráticos, continuam acontecendo violações aos direitos humanos. Por exemplo, no dia 5 de janeiro de 2008, realizou-se no Chile o velório do jovem integrante da Coordenadoria Mapuche Arauco-Malleco, Matías Catrileo (23 anos), morto pela polícia chilena no contexto das mobilizações contra a devastação ambiental e a construção de hidrelétricas e, ao mesmo tempo, manifestações contra o governo e os tribunais de justiça que não acolheram as reivindicações daquela comunidade. Paralelamente, cinco dirigentes presos terminaram uma longa greve de fome para exigir liberdade imediata a todos os presos políticos mapuches dos diversos cárceres chilenos, a desmilitarização e o fim da repressão das comunidades mobilizadas por seus direitos políticos e territoriais.<sup>1</sup> Por outro lado, em quase todas as cidades chilenas há museus e monumentos com as imagens dos principais líderes indígenas do período colonial, e cada lugar histórico ostenta seu nome em espanhol e em *mapudungún*. Mas isso é suficiente para definir que uma nação inscreve na história todos seus cidadãos ou é transformar a questão da alteridade em pintura, ornamentação e memória morta? Essa questão requer de nós uma reflexão mais complexa e uma problematização mais consciente sobre a forma como as alteridades são pensadas e articuladas hoje.

Tais questionamentos estão no cerne das discussões sobre as alteridades presentes neste volume. Nossa intenção é instigar um debate sobre questões pertinentes no âmbito dos estudos da alteridade, criando espaços para que múltiplas vozes possam ser expressas e, principalmente, ouvidas. Propomos uma indagação teórica que permita a discussão de conceitos que abordem questões tais como: qual o sentido de se refletir sobre as alteridades no contexto atual? Como as alteridades se manifestam nas várias linguagens e diferentes espaços culturais? Qual a relação entre as alteridades e as literaturas hoje?

Esses e outros temas são tratados nos textos que se seguem, quer seja nas entrevistas, quer nos textos teóricos ou nas análises de textos literários. Esperamos que essas reflexões abram caminho para leituras cada vez mais desestabilizadoras e transgressoras, que se tornem produtivas em nosso fazer crítico e literário.

Graciela Inés Ravetti de Gómez  
Maria Inês de Almeida  
Sandra Regina Goulart Almeida  
Sara del Carmen Rojo de la Rosa

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.nodo50.org/weftun/>>. Acesso em: 16 abr. 2008.